

Considerações acerca do Ensino e Aprendizagem de História na Educação de Jovens e Adultos

Wilian Junior Bonete*
Mestrando em História Social – UEL

Resumo: Este artigo é fruto de um trabalho maior realizado durante os dois últimos anos de graduação do curso de História que frequentei na Universidade Estadual do Centro- Oeste – UNICENTRO, entre os anos de 2009 e 2010 e continua sendo a temática central de minhas investigações, agora no curso de mestrado em História Social na Universidade Estadual de Londrina – UEL (2011). Pretendo aqui tecer algumas considerações acerca do ensino e aprendizagem de História na EJA a partir das experiências relatadas de professores e das observações feitas em sala de aula articuladas com a produção historiográfica no Brasil acerca do ensino de História e a EJA. É necessário primeiramente que se leve em consideração alguns aspectos, tais como: o campo do ensino de História como objeto de pesquisa para o professor/historiador, a produção já realizada sobre o ensino de História na EJA e suas perspectivas e o papel do professor de História na EJA. Entende-se aqui, que a disciplina de História carrega em si um profundo potencial de transformação e diríamos que pode proporcionar aos alunos, sobretudo os adultos da EJA, quando trabalhada de maneira articulada com suas experiências e vivências, um maior senso e olhar crítico a respeito da sociedade em que estão inseridos.

Palavras-chave: Ensino, Aprendizagem, História, EJA.

1. Considerações iniciais

Este artigo é fruto de um trabalho maior realizado durante os dois últimos anos de graduação do curso de História que frequentei na Universidade Estadual do Centro- Oeste – UNICENTRO, entre os anos de 2009 e 2010 e continua sendo a temática central de minhas investigações, agora no curso de mestrado em História Social na Universidade Estadual de Londrina – UEL (2011). Pretendo aqui tecer algumas considerações acerca do ensino e aprendizagem de História na EJA a partir das experiências relatadas de professores e das observações feitas em sala de aula articuladas com a produção historiográfica no Brasil acerca do ensino de História e a EJA.

É necessário primeiramente que se leve em consideração alguns aspectos, tais como: o campo do ensino de História como objeto de pesquisa para o professor/historiador, a produção já realizada sobre o ensino de História na EJA e suas perspectivas e o papel do professor de História na EJA.

Entende-se aqui, que a disciplina de História carrega em si um profundo potencial de transformação (PINSKY, 2009, p.28) e diríamos que pode proporcionar aos alunos, sobretudo os adultos da EJA, quando trabalhada de maneira articulada com suas experiências e vivências, um maior senso e olhar crítico a respeito da sociedade em que estão inseridos.

2. O Ensino de História como objeto pesquisa

Falar do tema proposto implica realizar uma abordagem inicial, mesmo que breve, sobre o surgimento do campo do Ensino de História enquanto objeto de pesquisa para historiadores e pesquisadores de uma forma geral.

Conforme Costa e Oliveira (2007, p.147) no Brasil as universidades voltaram poucas atenções para as questões ligadas ao ensino e conseqüentemente também no Ensino de História que até a década de 60 era visto apenas como uma área de formação, e não como objeto de pesquisa.

No entanto, o fator preponderante das pesquisas que surgiram posteriormente foi devido às duras repressões que a educação sofreu após a ditadura militar, sobretudo a área das Ciências Humanas. O estado passou a determinar uma atenção maior na questão da Educação Cívica, e em contrapartida, houve a descaracterização total do ensino de História nas Escolas.

Com carga horária inferior às de formação específicas, a partir de 1969 à História vinculou-se aos “princípios da Educação Moral e Cívica” e para controlar e revigorar tal ensino, foi criada a Comissão Nacional de Moral e Civismo, onde um grupo de pessoas nomeados pelo próprio presidente eram dedicadas exclusivamente a causa de fiscalização do cumprimento do papel do modelo da nova disciplina. (FONSECA, 2003, p. 21).

No final da década de 70 e início de 80 começou-se a preocupação com a formação de professores, isso devido aos questionamentos sobre a educação, cultura e escola nos anos anteriores. Isso impulsionou aos profissionais recém formados, que refletissem sobre suas práticas diárias, ou seja, sua feição principal: a atuação na escola.

Dessa forma, os professores de História iniciaram uma série de experiências no ensino da disciplina. Retomaram recursos didáticos como exemplo o trabalho com jornais em sala de aula, ou com a expansão dos meios de comunicação, daí a utilização de televisões, vídeo cassete, que davam naquele momento um novo significado ao ensino. Tais experiências serviram de base para análises muitas vezes das disciplinas de práticas de ensino, ou de outras

pesquisas que começaram a se desenvolver nos cursos de História. (COSTA, OLIVEIRA, 2007)

Em um primeiro momento estavam focadas na parte formal do ensino, tendo como objeto de análise as leis, propostas de currículos, sendo assim, no âmbito fora da sala de aula.

Com o desenvolvimento destas pesquisas, grande parte estava concentrada nos programas de pós-graduação em educação e isso ao mesmo tempo proporcionou um deslocamento do enfoque das mesmas. As análises das Leis, propostas, livros didáticos foram sendo inter-relacionados com a realidade da sala de aula. (DIAS, 2002).

Essas mudanças no enfoque proporcionaram um aumento significativo na produção historiográfica sobre o ensino de História. Essa produção em grande parte centrada na pedagogia tornou-se mais presente nas reflexões dos profissionais em História, pensando sua própria área.

Apesar de ainda existir a dicotomia da separação entre ensino e pesquisa, hoje a realidade se mostra diferente devido aos avanços nas produções e publicações. No Brasil existem duas universidades que ofertam pós-graduação *strictu-sensu* em História com linhas específicas sobre o ensino, como: a Universidade Federal da Paraíba – UFPB, com a linha: Ensino de História e Saberes Históricos e a Universidade Estadual de Londrina – UEL, com a linha: História e Ensino.

Hoje o que temos percebido é um aumento no volume das pesquisas sobre o ensino de História e são muitos os enfoques e abordagens atribuídos. Vemos que há uma frente aberta nesse campo que dá novas possibilidades de novas pontes, permitindo assim um maior diálogo no processo de construção da História, tanto na pesquisa quanto no ensino.

3. Papel docente e a disciplina de História

A sociedade do conhecimento exige um profissional cada vez mais qualificado, um professor de História produtor de saberes, capaz de assumir o ensino como descoberta, investigação, reflexão e produção e que possa desenvolver nos alunos competências específicas da natureza da História (FONSECA, 2005, apud THEOBALD). Esse professor, que estando alicerçado nos fundamentos específicos da ciência histórica, deve proporcionar aos alunos elementos necessários para que consigam situar-se e orientar-se numa sociedade em constante transformação, sentindo-se sujeito partícipe do processo histórico. (THEOBALD 2010, p.18).

A História deve ser capaz de ser compreendida pelos alunos. A princípio nos parece uma simples tarefa, porém Monteiro (2007) afirma que:

Tornar acessível aos alunos o conhecimento constituído sobre as sociedades e ações humanas do passado, passado recomposto pelos historiadores a partir de documentos constituídos como fontes; possibilitar a leitura de textos e imagens, a escrita de suas apropriações, aprendizagens, a (re) construção de representações, selecionar quais saberes, quais narrativas, quais poderes legitimar ou questionar, são alguns de seus desafios. (2007, p.76-77)

Fica evidente que o ensino dos conteúdos históricos é algo complexo. Monteiro afirma que a História é um termo polissêmico, que ora diz respeito à história vivida, das ações humanas, dos processos sociais no tempo, como também da história que ser quer produzido, ou seja, recomposto por historiadores a partir de documentos que denominamos de fontes. Neste sentido, há a necessidade de uma sensibilidade e domínio dos métodos, pois segundo a autora, a escrita da História produz narrativas que exigem atenção quanto a questões simulacro/real, ficção/ciência, verdadeiro/falso, sentido/verdade. (MONTEIRO, 2007, p.77) Os significados dos conceitos de História ainda são muito confundidos, inclusive por

professores, que acabam por apresentar e ensinar conteúdos como expressão de verdade absoluta sobre aquilo que aconteceu.

Outro destaque importante no pensamento de Monteiro (2007) refere-se ao papel do professor, que é o responsável pela atribuição do sentido na história escolar. Esse, não deve seguir um modelo pré-definido que determine a transposição do conteúdo.

Monteiro argumenta que a História deve ser reinventada em cada aula:

[...] no contexto de situações de ensino específicas, onde interagem as características do professor [...], dos alunos e aquelas da instituição [...], características essas que criam um campo de onde emerge a disciplina escolar. (2007, p.85)

Um fato importante a ser considerado, como bem destaca Alves (2009, p.103) em seu texto, é que o historiador-professor desdobra-se em grande volume de aulas além das atividades burocráticas que envolvem o sistema educacional e os conteúdos pré-estabelecidos. O crescimento da Indústria Cultural e a popularização da “história jornal” têm contribuído para a distorção dos fatos e acontecimentos e é neste momento que o professor deve saber fazer uso dessas novas ferramentas para que elas contribuam para a reflexão crítica-científica e não caiam na vulgarização mercadológica.

Em meio a esses apontamentos, a questão principal que se impõe é quanto à razão de ser da disciplina, qual o sentido ou qual a finalidade do estudo da História em classes da EJA. Circe Bittencourt escreveu no prefácio do livro “O Saber Histórico na Sala de Aula” (2002), que uma tarefa complexa envolve o cotidiano do professor, lidar com um presente repleto de contradições, um futuro duvidoso e um passado fragmentado, construído por um universo de informações oriundas dos diversos meios de comunicação de massa, pela escola e pela história de vida.

Estar diante de uma classe de jovens e adultos e ensinar História, requer primeiramente o conhecimento e reconhecimento por parte dos professores sobre as especificidades que constituem essa modalidade, o cotidiano dos alunos, suas condições de vida, isso implica diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, as reflexões do educador Paulo Freire nos são valiosos, pois contribuíram muito para o crescimento e desenvolvimento da EJA no Brasil a partir da década de 60 e até hoje os currículos específicos carregam sua influência.

Freire (1978) elaborou uma crítica do que denominou “Educação bancária”. Neste modelo de educação, o professor aparece como o “real sujeito” cuja tarefa é “encher” os alunos de conteúdos que não passam de retalhos de uma realidade desconectados de uma totalidade. Dessa forma, a educação se torna o ato de depositar conteúdos, ou a doação de um “saber” daqueles que se julgam sábios aos que julgam nada saber. (p.66)

Este modelo de educação apresentado por Freire nos leva a pensar a prática do ensino de História para os alunos da EJA. Qual História tem sido ensinada a eles? Será que conseguem entender o verdadeiro significado da História e esta tem realmente impactado sua maneira de ser? Os alunos da EJA precisam ver na História um sentido que os faça sair de suas casas e terem sede de aprender, sede de algo que pode transformar suas vidas. Professores da EJA devem construir um ensino de História (SEGAL 1984, apud BITTENCOURT, 2002) que contribua para a formação do indivíduo comum, que enfrenta um cotidiano contraditório, de violência, desemprego, greves, congestionamentos. Este aluno que vive o presente deve, pelo ensino de História, ter condições de refletir sobre tais acontecimentos, deve libertá-lo do tempo presente e da imobilidade diante dos acontecimentos. (BITTENCOURT, 2002, p.20)

4. O cotidiano na aula de História

Em sala de aula, alguns aspectos devem ser valorizados como às observações, às experiências e os relatos de vida dos próprios alunos, para que desta maneira seja exercitado o que Freire chama de prática dialógica. Freire (1978.p, 66) advoga que essa prática de educação deve romper com as contradições onde somente o professor tem algo a ensinar e o aluno é passivo, ou seja, deve haver um diálogo onde ambos se educam e ambos têm algo a aprender independente do lugar que se encontram.

Alunos da EJA são pessoas normais ativas na sociedade, não devem ser considerados como seres marginalizados, mas sim como um produto da sociedade em que vivem. O que ocorre muitas vezes (BARBOSA; OLIVEIRA, p.1457) é que os jovens e adultos diante do professor, sente-se inferiorizados, contudo, se o professor estiver provido de uma consciência crítica que não pretenda sobrepor a dos alunos, mas se identificando com os mesmos, esses alunos revelarão um bom nível de apreensão dos conhecimentos. Através destes fatores, cabe ao professor praticar um método compatível com as características dos jovens e adultos dando-lhes oportunidades de alcançarem a consciência de si mesmo e de seu mundo, assim descobrirão as causas de seu atraso cultural. (BARBOSA; OLIVEIRA, p.1458)

Mas, o que esperar dos professores de História? É na sala de aula que professores e alunos entram em embate, onde o professor além de trazer os conteúdos, deve também estar aberto às idéias de seus alunos. Segundo Schimdt (2002, p.57) o professor de História deve proporcionar as condições necessárias para que o aluno possa participar do processo do fazer e do construir História. Para a autora, “a sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde os interlocutores constroem sentidos”.

É necessário que haja a transposição da didática do procedimento histórico. Sobre essa importante questão, Schimdt (2002, p.59) indaga para a realização na sala de aula da própria atividade do historiador, a articulação entre elementos constitutivos do fazer histórico e do fazer pedagógico. O objetivo constitui em fazer com que os conhecimentos históricos sejam ensinados de tal forma que proporcione ao aluno condições de participar do processo histórico.

Déa Fenelon (1987) já dizia que o professor deve ser capaz de transmitir, de construir uma História viva, e não morta, que as pessoas possam se reconhecer e se identificar, pois a História deve ser também concretizada no cotidiano porque a partir dela construiremos o hoje e o futuro. Para Fenelon, raramente os alunos são colocados diante do problema de tentar conduzir qualquer investigação. A História é dinâmica, “fazer História significa lidar com a sociedade, objeto dinâmico e em constante transformação, aprender a reconhecer seus próprios condicionamentos sociais e sua posição como agentes sujeitos da História.” (FENELON, 1987, p.31).

É impossível negar a importância, sempre atual do ensino de História. Eric Hobsbawn (1998) afirmou que “ser membro da comunidade humana é situar-se em com relação a seu passado”, passado este que “é uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições valores e padrões da sociedade. Jayme Pinsky (2009, p.19) salienta, portanto, que História é referência, logo, precisa ser bem ensinada.

O professor é o elemento que estabelece a intermediação entre o patrimônio cultural da humanidade e a cultura do educando, é necessário que ele conheça da melhor forma possível, tanto um quanto o outro (PINSKY 2009, p.23), ou aquilo já viemos afirmando acerca da idéia de Paulo Freire sobre a “prática dialógica”.

Embora todos esses apontamentos sejam importantes, não há como trabalhar a História como sendo distante do universo dos jovens e adultos. A História esta presente em todos os momentos de nossa vida e o passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietam no presente, se não fosse assim, seria inútil continuar estudando-a, portanto, é neste

ponto que os jovens e adultos precisam ver o real sentido da História, e esta é uma tarefa que compete aos professores. (PINSKY, 2009).

5. Considerações finais

Ao longo desse artigo, buscou-se apresentar alguns elementos que sob a ótica de alguns autores são relevantes para que em um primeiro momento fosse possível entender como surgiu o universo da pesquisa em ensino de História no Brasil e em seguida tecer as considerações acerca do processo de ensino e aprendizagem de História na EJA.

Na disciplina de História, a aula tende a constituir-se em um momento em que o professor deve proporcionar a apropriação dos conhecimentos históricos, não apenas transmitindo um saber sistematizado, pronto e absoluto, mas sim estabelecendo construções significativas com o objetivo de oferecer aos alunos condições de compactuar com o fato histórico. (RIAL, 2007, p.67)

Que esse trabalho possa contribuir para o fomento das discussões e inquietações relacionadas à História ensinada na EJA e que apesar da pouca produção direcionada à essa temática, se perceba que a mesma constitui um campo fértil para futuras pesquisas. Que cada vez mais novos professores e pesquisadores da educação sintam-se incomodados e instigados a buscar um ensino de caráter mais humano, colocando sempre o homem/aluno com o principal sujeito do processo histórico, aquele que exerce influência direta na sociedade em que está inserido, um agente de transformação no mundo globalizado.

Referências Bibliográficas

ALVES, Ronaldo. História e salas de aula: um balanço bibliográfico entre saber histórico e saber escolar. In: *Revista de C. Humanas*, Vol. 9, Nº 1, p. 97-105, Jan./Jun. 2009

BITTENCOURT, Circe. Apresentação. In: *O saber Histórico na Sala de Aula*. 7ª. Ed. – São Paulo: Contexto, 2002.

_____. Capitalismo e Cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: *O saber Histórico na Sala de Aula*. 7ª. Ed. – São Paulo: Contexto, 2002.

COSTA, Aryana; OLIVEIRA, Margarida. O ensino de História como objeto de pesquisa no Brasil: no aniversário de 50 anos de uma área de pesquisa, notícias do que virá. In: *SAECULUM -Revista de História* [16]; João Pessoa, jan./jun. 2007

DI ROCCO, Gaetana Maria Jovino. *Educação de adultos: uma contribuição para seu estudo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1979.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. São Paulo: Papyrus, 2005.

FENELON, Déa. A formação do profissional de história e a realidade de ensino. In: *Cadernos Cedes*, n.8, São Paulo: Cortez/CEDES, 1987.

HOBSBAWN, Eric. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MONTEIRO, Ana Maria. O ensino de História: lugar de fronteira. In: NETO, Jose M.A. (org.) *História: Guerra e Paz* – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina: ANPUH/Mídia, 2007.

PINSKY, Jaime. PINSKY, Carla. Por uma História prazerosa e conseqüente. In KARNAL, Leandro. (org.) *História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas*. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2009.

RIAI, Adriana. *Avaliação da Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos: praticas correntes no ensino médio, em Historia*. (Dissertação de mestrado em Educação, UNISANTOS, 2007).

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: *O saber Histórico na Sala de Aula*. 7ª. Ed. – São Paulo: Contexto, 2002.

THEOBALD, Henrique. *Fundamentos e metodologia do ensino de história*. Curitiba: Editora FAEL, 2010.

* Graduado em História/Licenciatura Plena na Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO (2010). Atualmente Mestrando em História Social na Universidade Estadual de Londrina - UEL (2011) na Linha de História & Ensino. Bolsista pela CAPES/CNPQ, desenvolve pesquisas relacionadas à História, Educação histórica, Ensino e Aprendizagem em História, Educação, Educação de Jovens e Adultos, História Regional e História Oral. E-mail: wjbonete@gmail.com